UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Ingrid Alves Moreira

AUTOPERCEPÇÃO E GRAVIDADE DA GAGUEIRA EM ADULTOS

Trabalho apresentado à banca examinadora para conclusão do curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Profª. Dra. Denise Brandão de Oliveira e Britto
Coorientadora: Profª. Dra. Luciana Mendonça Alves

Belo Horizonte
2022

RESUMO EXPANDIDO

Introdução: A gagueira é um transtorno da fluência no qual o indivíduo apresenta rupturas na fala comprometendo o fluxo contínuo e suave das produções orais. Possui etiologia multifatorial, genética e origem neurobiológica. Além disso, é responsável por causar forte impacto no desenvolvimento social e comunicativo dos indivíduos que gaguejam. A autopercepção da pessoa que gagueja acontece de forma integral e individual, visto que diversos fatores interferem na qualidade de vida desses indivíduos, sobretudo os fatores sociais e emocionais. Portanto, vale a pena ter em mente que a gagueira tem um forte impacto emocional negativo nas pessoas que possuem esse transtorno. **Objetivo**: Investigar a associação entre a gravidade e o grau de impacto da gagueira em adultos que gaguejam e seus possíveis fatores de risco, como a escolaridade. **Métodos:** É um estudo transversal comparativo com amostra composta por 14 adultos que gaguejam de ambos os gêneros, com formação superior ou equivalente ao ensino fundamental II completo. Foram coletadas amostras de fala espontânea e leitura de texto por meio de videochamadas realizadas individualmente com cada um dos participantes. As 200 primeiras sílabas expressas de cada amostra foram transcritas e analisadas segundo o protocolo *Stuttering Severity Instrument 4* (SSI-4). Além disso, os participantes tiveram que responder o questionário do *Overall Assessment of the Speaker's Experience of Stuttering – Adults Protocol* (OASES-A) para análise do grau de impacto da gagueira. A descrição da amostra foi apresentada na forma de frequência observada, porcentagem, valores mínimo e máximo, mediana, média e desvio padrão. A regressão ordinal simples avaliou a associação da classificação da gravidade do SSI-4 com os possíveis fatores de risco. E quando esta associação foi menor ou igual a 0,20 as variáveis foram incluídas no modelo multivariado. O nível

alfa de significância utilizado em todas as análises foi de 5%. **Resultados:** A amostra foi composta por cinco participantes do gênero feminino (n=36%) e nove do gênero masculino (n=64%). A média de idade entre todos os participantes foi de 28,9 anos com DP=8,3. Todos os participantes possuíam o grau de escolaridade mínimo para participar do estudo, sendo: um participante (n=7%) com ensino fundamental completo, cinco (n=36%) com ensino médio incompleto/completo e oito (n=57%) apresentaram ensino superior incompleto/completo. Analisando a associação da classificação da gravidade da gagueira de acordo com o SSI-4 com os possíveis fatores de risco, foi possível observar que a escolaridade apresentou significância. Na análise de associação entre a classificação da gravidade da gagueira, a escolaridade e o grau de impacto da gagueira, as variáveis que apresentaram valor de $p \leq 0,20$ foram a escolaridade e o grau de impacto. O grau do impacto total obtido pelo OASES-A apresentou associação significativa com a classificação da gravidade obtida pelo SSI-4. **Conclusão:** Este trabalho mostrou que existe relação significativa entre o grau de impacto da gagueira obtido pelo *Overall Assessment of the Speaker's Experience of Stuttering – Adults Protocol* com a classificação da gravidade segundo o protocolo *Stuttering Severity Instrument 4*, e com o grau de escolaridade dos indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Nogueira PR, Oliveira CMC de, Giacheti CM, Moretti-Ferreira D. Gagueira desenvolvimental persistente familial: disfluências e prevalência. Revista CEFAC. 2015;17:1441–8.
2. Oliveira CMC de, Fiorin M, Nogueira PR, Laroza CP. Perfil da fluência: análise comparativa entre gagueira desenvolvimental persistente familial e isolada. Revista CEFAC. 2013. Dec;1;15:1627–34.
3. Pinto GC, Juste F, Costa JB, Ritto AP, Andrade CRF de. A influência da hereditariedade na ocorrência de variáveis preditoras na gagueira crônica do desenvolvimento. Audiology - Communication Research. 2021. Dec;20;26.
4. Oliveira CMC et al. Prevalência familial e razão sexual da gagueira nos familiares de crianças gagas. 8º Congresso de extensão universitária da UNESP. 2015. Sep10;p.1-8.
5. Yairi E, Ambrose N, Cox N. Genetics of stuttering: a critical review. J Speech Hear Res. 1996 Aug;39(4):771-84.
6. Romano N, Bellezo JF, Chun RYS. Impactos da gagueira nas atividades e participação de adolescentes e adultos. Distúrbios da Comunicação. 2018. 30(3):510-21.
7. Pereira ÉF, Teixeira CS, Santos A dos. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. 2012. Jun1;26(2):241–50.
8. Celeste LC, Almeida A, Martins-Reis VO. A autoavaliação de pessoas com gagueira em relação à expressão de atitudes. Distúrbios da Comunicação. 2014. v.26,n.1,p.168-175.

9. Boyle MP. Enacted stigma and felt stigma experienced by adults who stutter. Journal of Communication Disorders. 2018. May;73:50–61.
10. Tichenor SE, Yaruss JS. Stuttering as Defined by Adults Who Stutter. Journal of Speech, Language, and Hearing Research. 2019. Dec 18;62(12):4356–69.
11. Feldman O, Goldstien E, Rolnik B, Ganz AB, Lev-Ari S. Inquiry Based Stress Reduction (IBSR) Improves Overall Stuttering Experience among Adults Who Stutter: A Randomized Controlled Trial. Journal of Clinical Medicine. 2021. May;18;10(10).
12. Bragatto EL, Osborn E, Yaruss JS, Quesal R, Schiefer AM, Chiari BM. Versão brasileira do protocolo Overall Assessment of the Speaker's Experience of Stuttering - Adults (OASES-A). J Soc Bras Fonoaudiol. 2012;24(2):145-51.
13. Arcuri CF, Osborn E, Schiefer AM, Chiari BM. Taxa de elocução de fala segundo a gravidade da gagueira. Pró-Fono R Atual Cient. 2009;21(1):45-50.
14. Fiorin M, Ugarte CV de, Capellini SA, Oliveira CMC de. Fluência da leitura e da fala espontânea de escolares: estudo comparativo entre gagos e não gagos. Revista CEFAC. 2015;17:151–8.
15. Gentilini LKS, Andrade MEP, Basso FP, Salles JF de, Martins-Reis V de O, Alves LM. Desenvolvimento de instrumento para avaliação coletiva da fluência e compreensão de leitura textual em escolares do ensino fundamental II. CoDAS. 2020;32(2).
16. Kawano CE, Kida A de SB, Carvalho CAF, Ávila CRB de. Parâmetros de fluência e tipos de erros na leitura de escolares com indicação de dificuldades

para ler e escrever. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2011. Mar;1;16:9–18.

17. Costa JB, Ritto AP, Juste FS, Andrade CRF de. Comparação da performance de fala em indivíduos gagos e fluentes. CoDAS. 2017. Mar;16;29.
18. Ward D, Miller R, Nikolaev A. Evaluating three stuttering assessments through network analysis, random forests and cluster analysis. Journal of Fluency Disorders. 2021. Mar;67:105823.
19. Davidow JH, Scott KA. Intrajudge and Interjudge Reliability of the Stuttering Severity Instrument–Fourth Edition. American Journal of Speech-Language Pathology. 2017 Nov 8;26(4):1105–19.
20. Carvalho S. Automonitoramento da fala de adultos que gaguejam. Distúrbios da Comunicação. 2014. Dez;26(4):686-693.